

# IMITAÇÕES DA VIDA

1232 RUBEM BRAGA

Recebo muitos livros, e tenho pouco tempo de ler. Assim, devo confessar a João Vogeler que ainda não li sua peça radiofônica em três atos *Imitação da Vida*.

O título me parece bom, ainda que um pouco triste. Mas o livro me agradou, pelo seu jeito feliz, a começar pelo retrato do autor na primeira página, meio espantado, meio sorridente, de camisa de peito duro, no dia de sua formatura. Também pelas muitas homenagens que rende a um tio seu, já falecido, o conhecido maestro Henrique Vogeler.

É o sentimento familiar intenso que torna simpático esse livrinho. Antes de chegar à primeira página do texto o leitor é apresentado a toda uma honesta e simpática família. Aquel está, por exemplo, um retratinho da esposa do autor, muito sorridente, de véu, no dia em que convolou as felicíssimas nupcias. E em "sincera homenagem ao grande patricio João Condé" aqui está o "flash" que o autor fez de si mesmo, um "autoflash" bastante sobrio, graças ao qual posso informar com a maior segurança aos leitores que Teodoro Narciso de Melo Junior (João Vogeler) nasceu em 1919, mede 1,66, pesa 63 quilos, é sócio da A. B. I., congregado mariano, fuma Hollywood com cortiça, aprecia a boa música e o basquetebol, adora lagarto com legumes, é gastador e ama sua dedicada esposa, idolatra sua mãe, admira seu pai, adora sua filhinha.

Quanto à sua esposa devemos confessar que nasceu em 1913, fato cuja melancolia eu melhor do que ninguém posso aferir; porém não gosta de novelas radiofônicas, nem de cinema, é esposa exemplar e mãe amantíssima, professora de Corte e Costura, muito simples, gosta de passear com o marido e a filha aos domingos, e é econômica e "mui prudente". Costuma dizer o seguinte: "o mundo, com seu luxo e outras tolices, não vale o meu lar", o que não chega a ser uma declaração de caráter sensacional, mas é muito edificante. Confessa-nos a boa senhora que "quando solteira gostava muito de balles em casa de família".

Vemos depois fotografias da diletta filhinha do autor, da senhora sua mãe e do senhor seu pai, do seu tio entre os seus em 1911, de um primo falecido, "herói imortal da batalha do trabalho" e pensamentos finos como "viver é imitar", "só o Bem dificilmente é imitado", "é fácil começar bem", etc.

O livro traz ainda homenagem a algumas dezenas de pessoas, jornais, revistas, homens de rádio, A. B. I., S. B. A. T., A. B. R., Teatro Recreio, Instituto Rabelo, queridos tios João, Helena, Mariquinhas, Albertina (Bubu), Sinhá, etc., e mais varios patricios e sacerdotes.

Não, confesso que não lerei a peça. Para que mentir? Já meus olhos andam cansados e a cabeça confusa de ler o triste livro da vida; para que ler imitações? Mas essas homenagens todas do livro já são um bom romance, não imitado da vida, e sim vivido, o romance de um homem no quadro de sua existência — associações, instituições, família, igreja, amizades, empregos, esperanças, altura, peso, esporte, vício, lagarto com legumes, ideais. Ah, um dia terei coragem de escrever um livro assim florido onde o leitor entre como em um jardim de afetos, e tome comigo o cafezinho da maior cordialidade batendo uma boa prosa.

E eu lhe falarei de jenipapo assado com açúcar preto ou de sopa de fruta-pão, lhe darei uma pamonha enrolada em folha de bananeira do meu quintal de outrora, lhe falarei de meu tio Quinca Cigano, que vivia de barganhar...

O leitor certo bocejará, sucumbindo ao mais horrível tédio. Mas por que essa mania de escrever livros e fazer coisas para os estranhos? O bom livro é assim como o de João Vogeler, uma festa em família e para o autor mesmo — não pomba nem corvo que se lança aos ares do mundo com mensagens vãs, mas um humilde canteiro de flores de papel que fazemos para enfeitar o nosso berço, a nossa casa, e a nossa própria sepultura.

23.3.49

27. "Altrose"

HR

100